A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

LUIZA PRATES DE OLIVEIRA

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo examinar como a cultura e a história do negro são apresentadas na literatura infanto-juvenil brasileira. Inicia-se com um panorama histórico da literatura infanto-juvenil mundial e, em seguida, aborda as propostas atuais para a produção literária que visam combater o preconceito e abranger a diversidade racial, cultural e histórica do Brasil. Discute-se a importância de as instituições de educação infantil oferecerem informações sobre a população negra, tradições afro-brasileiras e outras temáticas relacionadas à questão racial. Conclui-se que a produção literária brasileira tem sido intensa e de qualidade no que diz respeito à diversidade étnico-racial, e que a escola é um campo fértil para pesquisas sobre o tema.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil, Negro, Preconceito.

ABSTRACT

This work aims to examine how black culture and history are presented in Brazilian children's literature. It begins with a historical overview of world children's literature and then addresses current proposals for literary production that aim to combat prejudice and encompass Brazil's racial, cultural and historical diversity. It discusses the importance of early childhood education institutions offering information about the black population, Afro-Brazilian traditions and other themes related to the racial issue. It is concluded that Brazilian literary production has been intense and of high quality with regard to ethnic-racial diversity, and that the school is a fertile field for research on the subject.

Keywords: Children's Literature, Black, Prejudice.

INTRODUÇÃO

A representação do negro na literatura infantil e juvenil é um tema importante e atual. É fundamental que as crianças tenham acesso a livros que reflitam a diversidade e a pluralidade da sociedade em que vivem, e que os personagens negros sejam apresentados de forma positiva e representativa.

Historicamente, a literatura infanto-juvenil foi marcada pela ausência ou representação estereotipada do negro. Personagens negros eram frequentemente retratados como subservientes, cômicos ou selvagens. Isso reflete o racismo estrutural da sociedade, que durante muito tempo negou a dignidade e a humanidade do negro.

Segundo estatísticas, os negros somam mais da metade da população do Brasil. Contribuíram ativamente na constituição da riqueza deste país e permanecem cooperando para o seu progresso. Entretanto, não encontramos na mesma proporção, a sua representatividade nos diversos espaços e segmentos da nossa sociedade atual. Na mídia, na escola, nos livros seu espaço também é reduzido.

A escravização e o seu percurso histórico, deixaram arraigados na nossa sociedade, a errônea ideia do negro como um ser intelectualmente incapaz e qualificado apenas para trabalhos considerados menos “nobres”. Esse fato ainda determina as relações sociais e econômicas atuais, ainda que o Estado promova tímidas políticas afirmativas, o preconceito velado e a meritocracia ainda persistem.

O nosso currículo escolar, ainda possui uma abordagem totalmente “eurocêntrica”, na qual a cultura, a arte, as grandes descobertas e a sociedade europeia é a única realmente “evoluída”, é o modelo a ser seguido, em detrimento das outras populações.

Neste contexto, como pode uma criança ou adolescente negro se sentir representado, em um dos seus mais importantes espaços sociais, a escola? Como se identificar, se auto afirmar e desenvolver sua autoestima?

Na minha prática diária como professora de educação infantil, percebo que desde a mais tenra idade, essas diferenças e preconceitos acontecem.

É importante que as crianças, independentemente de sua cor ou origem, possam se identificar com as histórias e personagens presentes em livros, filmes e outras formas de arte. Quando essas representações são limitadas ou inexistentes, isso pode afetar a autoestima e a identidade das crianças.

Por isso, é fundamental que uma literatura infanto-juvenil inclua personagens negros em papéis de destaque e aborde temas relacionados à cultura e história negra. Além disso, é preciso que os professores e educadores em geral estejam atentos a essa questão e se esforcem para incluir essas temáticas em suas práticas educativas.

Este trabalho tem como finalidade analisar o papel do negro na literatura infanto-juvenil. Para tanto, principiamos com uma análise histórica desta literatura, iniciada em solo europeu, com pouquíssimas ou nulas representações dos negros. Posteriormente, traçaremos o percurso inicial da presença de personagens negros nos livros brasileiros e a

sua atualidade, onde autores se preocupam com a sua inserção como protagonistas, visando a quebra de estereótipos e de tantos erros históricos e sociais.

1. ESTEREÓTIPO E PRECONCEITO

Infelizmente, essa ideia de que o Brasil é um país livre de preconceitos e que aceita a diversidade de forma plena é uma falácia. O racismo é uma realidade presente em todas as esferas da sociedade brasileira e se manifesta de diversas formas, desde a discriminação em relações cotidianas até a exclusão sistemática em oportunidades de trabalho, educação e justiça.

A falsa ideia de que vivemos em uma democracia racial é um mito que foi criado para negar a existência do racismo no país. Essa ideia sustenta que, por aqui, todas as raças convivem em harmonia e igualdade, sem distinção. No entanto, isso não corresponde à realidade.

O tema "racismo" no Brasil sempre vem acompanhado de polêmicas, tabus e a falsa ideia de que vivemos em uma democracia racial.

Essa ideia de não preconceito racial, tem origem histórica, no entanto, esse falso conceito vem mudando, através de estudos e de uma maior militância do movimento negro brasileiro. Essa ideologia do branqueamento, visa apagar a mancha da escravidão, como se ela nunca tivesse existido, assim como as suas consequências. Os dados estatísticos demonstram que a população negra no Brasil sofre com o racismo em diversas áreas, como educação, saúde, emprego e segurança. A representação política também é muito limitada, e a violência policial contra negros é uma triste realidade no país.

Por isso, é importante que a sociedade brasileira encare de frente a questão do racismo e trabalhe para erradicá-lo. Isso envolve o reconhecimento das desigualdades raciais e a adoção de medidas concretas para combatê-las, além de uma mudança cultural que valoriza e respeita a diversidade em todas as suas formas.

Podemos encontrar este preconceito disfarçado, camufado, até em expressões usuais do vocabulário de qualquer brasileiro: "A coisa está preta", "serviço de preto", "mercado negro", "- Não sou tuas negas", entre tantas outras. Com tantos contras, como pode uma criança ou um jovem negro, formar sua identidade? De acordo com Silva (2007, p. 12):

Identidade é a denominação dada às representações e sentimentos que o indivíduo desenvolve a respeito de si próprio, a partir do conjunto de suas vivências. A identidade é a síntese pessoal de si mesmo, incluindo dados pessoais (cor, sexo, idade), atributos que os outros lhe conferem, permitindo uma representação a respeito de si.

A formação da identidade do aluno negro, através de suas representações sociais é um processo contínuo e que deve ser analisado criteriosamente pelo professor e pela escola como um todo, pois o ambiente escolar é um lugar ímpar de construção de conhecimento e derrubada de preconceitos e estereótipos e as representações ultrapassadas e equivocadas que produzem sua identidade.

O racismo se manifesta de diversas formas em nossa sociedade, desde a exclusão de pessoas negras em espaços sociais, políticos e médicos, até a violência

policial e a descrição no mercado de trabalho. Essas questões são profundamente enraizadas em nossa história, desde a época da escravidão até os dias atuais.

Portanto, é fundamental reconhecer e enfrentar o racismo em todas as suas formas, não apenas através de políticas afrmativas e leis, mas também através de uma mudança de maternidade e valores em nossa sociedade. A luta contra o racismo é uma luta de todos nós, independentemente de nossa cor ou origem, e requer um comprometimento real e contínuo de todas as instituições e indivíduos para ser efcaz.

A criança irá se identifcar com o que lhe é apresentado: se mostrarmos a ela uma relação de submissão em que os mais fortes dominam os mais fracos, num contexto social, os mais ricos dominam os mais pobres, os brancos predominam sobre os negros, o seu posicionamento perante o mundo pode ser prejudicado e ela terá grandes difculdades para enfrentar o mundo quando atingir a fase adulta. O grande desafo é: como fazer isso? Como dito anteriormente, a construção da identidade, acontece desde a mais tenra idade, através de modelos. Como é possível a criança negra se enxergar de forma positiva, se os brinquedos e bonecas não tem a sua cor, (os) as protagonistas dos contos de fadas também não, se nas novelas e comerciais da TV, negros raramente tem papel de destaque.

2. ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA: o papel da literatura

O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira é uma importante área de estudo que visa a valorização da história e cultura dos afrodescendentes no Brasil. A literatura tem um papel fundamental nesse processo, pois ela pode ser utilizada como uma ferramenta para a compreensão e valorização da cultura afro-brasileira.

A literatura afro-brasileira é rica em conteúdo e diversidade, abrangendo diferentes gêneros e estilos literários. Ela retrata a

história e a cultura dos afrodescendentes no Brasil, abordando temas como a escravidão, a luta pela liberdade, a resistência cultural, a religiosidade, entre outros.

Ao utilizar a literatura como recurso didático, os educadores podem proporcionar aos alunos uma experiência enriquecedora de aprendizado, que vai além dos livros didáticos e das aulas expositivas. A leitura de obras literárias afro-brasileiras pode contribuir para a formação de uma consciência crítica e reflexiva sobre a história e a cultura afrodescendente no Brasil.

Além disso, a literatura pode ser utilizada como uma forma de incentivar a leitura e a escrita entre os alunos. Ao explorar diferentes gêneros literários, como contos, poesias, romances e crônicas, os educadores podem estimular a criatividade e a expressão dos alunos, incentivando-os a produzir textos literários que reflitam a sua própria realidade e cultura.

No entanto, é importante destacar que o ensino da literatura afro-brasileira não deve se limitar apenas ao mês da Consciência Negra. É fundamental que essa temática seja abordada de forma transversal em todas as disciplinas, ao longo de todo o ano letivo, para que os alunos possam compreender a importância da diversidade cultural e da valorização da história e cultura afro-brasileira.

Em suma, o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira é uma área de estudo que deve ser valorizada e incentivada nas escolas. A literatura pode ser uma importante ferramenta nesse processo, contribuindo para a formação de uma consciência crítica e reflexiva sobre a história e a cultura afrodescendente no Brasil. Por isso, os educadores devem utilizar a literatura como recurso didático, explorando diferentes gêneros literários e incentivando a leitura e a escrita entre os alunos.

Na sociedade e na educação, uma nova demanda se coloca a partir dos artigos 26 e 79 da LDB (Lei 9394/96- que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional), instituídos pela Lei Federal nº 10.639/03, e do parecer nº 003/04 e da Resolução nº 01/04, ambos do Conselho Nacional da Educação (CNE). O artigo 26 A da LDB institui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e a Resolução nº 01/04 institui as diretrizes gerais deste ensino.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro- brasileira e indígena. § 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2o. Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileira. (BRASIL, 1996).

Esta demanda coloca para o currículo escolar e para a pedagogia uma reestruturação, sobretudo nas disciplinas de História, Literatura e Educação Artística, e impõe uma revisão de práticas tradicionais.

Com certeza, essa falta de representatividade da cultura e história afro- brasileira na escola contribui para perpetuar o racismo e a exclusão, além de causar uma desigualdade cultural entre os estudantes. Por isso, é fundamental que a literatura afro-brasileira seja incluída no currículo escolar, tanto para mostrar aos alunos a importância da cultura negra na formação do país, quanto para contribuir na formação de cidadãos conscientes e respeitosos com a diversidade cultural.

Sabemos que nossos alunos conhecem os reis e rainhas europeus, mas não sabem que no continente africano eles também existem e/ou existiram. As obras artísticas de origem eurocêntrica são muito disseminadas, no entanto parece haver uma inexistência na escola, da promoção do conhecimento da arte africana. Isso sem falar na Literatura, foco do nosso trabalho, onde ainda nos dias atuais, os negros inexistem ou tem papéis secundários, de personagens oprimidos nos enredos das tramas.

Os estudos apresentados evidenciam o fato de o sistema formal de educação ser desprovido de elementos propícios à identificação positiva de alunos negros com o sistema escolar. Esses estudos demonstram a necessidade de uma ação pedagógica de combate ao racismo e aos seus desdobramentos, tais como preconceito e discriminação étnicos. Eles podem estar ocorrendo no cotidiano escolar, provocando distorções de conteúdo curricular e veiculando estereótipos étnicos e de gênero, entre outros, por intermédio dos meios de comunicação e dos livros didáticos e paradidáticos. (CAVALLEIRO, 2000, p.35)

A literatura é essencial para a formação da cultura de um povo. Além do prazer da leitura, ela traz consigo transmissão de valores, ludicidade, beleza, desenvolvimento de sentimentos. No entanto, no Brasil ainda é por vezes formadora de estereótipos e preconceitos. Para que isso não ocorra, é importante analisar com criticidade toda produção literária, observar mensagens ocultas, assim como o contexto histórico e social na qual foi construída.

Durante muitas décadas, os negros e negras foram retratados nas histórias infantis, como fguras ingênuas, escravos, serviçais, subalternos desempregados, órfãos, abandonados, como coadjuvantes da ação (...) quando eram mulheres, apareciam como cozinheiras ou lavadeiras, geralmente gordas, vistas como crias da casa (...) esses estereótipos são transmitidos tanto através da linguagem verbal, quanto da não verbal, através das ilustrações. (PARREIRAS, 2007, p.43)

A literatura infantil brasileira surgiu muito tempo depois do início da europeia, e se deu com a inauguração da Imprensa Régia em 1808. Mesmo assim, os livros eram escassos e destinados apenas a uma pequena elite, as histórias para crianças eram passadas primordialmente através da tradição oral.

Zilberman (2003) afrma que a literatura infantil brasileira nasce de um pensamento burguês, de função pedagógica e muito semelhante ao livro didático escolar.

Neste período em nenhum momento, a criança negra é considerada, lembrada. A literatura servia de base para a conservação do status burguês, cujos flhos e famílias bem estabelecidas e de "bem", estudavam em escolas com padrões europeus, civilizados, eurocêntricos, ou seja, de sucesso.

Castilho (2004) aponta que os principais fatores que levavam a não representação do negro nos primórdios da literatura brasileira, foram a ideia de vários escritores da época que não atribuíam ao negro o status de "ser humano", pensamento comum na época da escravidão e também mesmo após a abolição o público leitor das suas obras era composto por pessoas da elite, letrado, os negros e os pobres não sabiam ler e escrever, então não havia necessidade de contemplar uma população que não seria "consumidora" dessas obras.

No ano de 1856, temos a primeira obra literária brasileira, que aborda ainda que de forma equivocada o povo negro, "O Comendador" de Pinheiro Guimarães. Era a época literária do Romantismo no Brasil (1836-1881), e os autores tinham como enfoque principalmente a construção da identidade nacional, os colonizadores portugueses nessas obras eram os vilões, e os índios os heróis (indianismo). Como exemplo, podemos citar José de Alencar e Gonçalves Dias. Nesse período, o negro, raras vezes citado, aparecia apenas como coadjuvante do índio, inferiorizado, selvagem, bruto, como era a visão eurocêntrica sobre esse povo, nessa época.

Com o surgimento do abolicionismo, e com a posterior libertação dos escravos, surge em 1888, de autoria de Bernardo Guimarães, a obra "A escrava Isaura". No entanto, provavelmente com receio de chocar a elite, que era seu público leitor, o escritor a fez "uma escrava branca". "A tez era como o marfm do teclado, alva que não deslumbra embaçada por uma nuança delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. " (GUIMARÃES, 1997, p.13).

Em 1881, Aluísio de Azevedo, publica o livro "O Mulato", que assim como Bernardo Guimarães, fez um herói mulato de hábitos fnos, formado em Direito na Universidade de Coimbra, criando um véu sobre a realidade dura e cruel dos negros dessa época. Até os autores que se intitulavam "abolicionistas" não fugiram a mesma regra, e descreviam em suas obras os negros como sendo, medrosos, frágeis, preguiçosos, supersticiosos e endiabrados.

Como vimos até aqui, o negro na literatura brasileira, sempre teve sua imagem corrompida por estereótipos, preconceitos. Era o feio, o demoníaco, sem alma, e extremamente sexualizado, fatores que ainda se mantém na atualidade. A ausência de personagens negros ou a sua marginalização nas histórias infanto-juvenis acarreta, de fato, sérias consequências no imaginário do educando, criando uma realidade distorcida e preconceituosa, contribuindo, assim, para a sustentação de uma ordem social desigual.

Somente terão participação nas obras literárias do século XX, quando novos modelos sociais começam a ocorrer, tanto na parte econômica, cultural, étnica, e de gênero. Na década de 80, ocorre uma mudança nesse lamentável quadro que tantos malefícios trouxe para a formação das crianças e jovens brasileiros. "Surgem, nesse momento, determinados livros com novas propostas, cujo objetivo central é, exatamente, romper com a visão estereotipada dos negros, valorizando suas tradições e também o seu aspecto físico". (SILVA, 2011, p.2)

Outro escritor brasileiro, que merece citação quando se trata de obras literárias infantis, sem dúvida é Monteiro Lobato. Castilho (2004) afrma que suas obras são as que geram maior controvérsia quando se trata de preconceito racial, com seus personagens secundários e tratados como pessoas extremamente selvagens ou em contraponto resignadas. Instituições que promovem a igualdade racial chegaram a solicitar que suas obras fossem banidas das escolas.

O caso ainda é discutido judicialmente, o que essas instituições pleiteiam não é a proibição, mas que fossem incluídos adendos ou citação, nas passagens literárias de cunho racista. A tentativa de proibição à obra de Lobato começou há dois anos.

Em 2010, depois de denúncia da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, o Conselho Nacional de Educação (CNE) determinou que a obra infanto-juvenil fosse banida das escolas. A alegação: passagens como a que diz que Tia Nastácia subiu em uma árvore como uma "macaca de carvão" são racistas.

Sua Tia Anastácia, descrita como "analfabeta", beiçuda, sem cultura, "negra de estimação", é a sua mais famosa personagem negra, como podemos observar em um trecho do livro "Memórias de Emília": Negra beiçuda! Deus que te marcou, alguma coisa em ti achou. Quando ele preteja uma criatura é por castigo. Essa burrona teve medo de cortar a ponta da asa do anjinho. Eu bem que avisei. Eu vivia insistindo. Hoje mesmo eu insisti. E ela com esse beição todo: "Não tenho coragem, é sacrilégio..." Sacrilégio é esse nariz chato. (LOBATO, 2007, p.35)

Outros personagens de sua obra, também são dignos de menção; Tio Barnabé, que assim como Anastácia que só tinha lugar à beira do fogão, morava em uma cabana afastada nos confins do sítio do Pica-pau Amarelo. "Tio Barnabé era um negro de mais de oitenta anos que morava no rancho coberto de sapé lá junto da ponte" (LOBATO, 1957, p.184). O Saci também é digno de nota, e é descrito como um menino endiabrado, bagunceiro, preto, de uma perna só, coadjuvante do menino Pedrinho.

Dali a pouco um saci preto que nem carvão, de carapuça vermelha e pitinho na boca (...) logo que a gente põe a garrafa dentro da peneira o saci por si mesmo entra dentro dela, porque, como os filhos das trevas, tem a tendência de procurar sempre o lado mais escuro. (...)- Deus me livre de entrar num quarto onde há garrafa de saci dentro! Credo! Nem sei como dona Benta consente semelhante coisa em sua casa. Não parece ato de cristão. (LOBATO, 1941, p. 12-13).

Castilho (2004) não desconsidera toda a importância de Monteiro Lobato para a literatura infanto-juvenil brasileira, mas atenta para o fato de que deve se observar atentamente todos os preconceitos intrínsecos em sua obra, para não reforçar ainda mais os estereótipos negativos, ainda mais em crianças pequenas, vulneráveis e influenciáveis pelos modelos adultos

Esse processo de discriminação pode estar comprometendo tanto a formação da criança negra quanto da branca. "Para a criança branca, essas obras literárias podem reforçar a ideologia da superioridade e supremacia de sua "raça", por outro lado, pode subestimar estigmatizar e em muitos casos fragmentar a autoestima da criança negra". (CASTILHO, 2004, p.109) É interessante ressaltar que a visão eurocêntrica sobre o povo negro na literatura brasileira não se restringiu apenas ao período do Romantismo. Mesmo em períodos literários posteriores, como o Realismo e o Modernismo, a representação do negro na literatura continuou a ser estereotipada e muitas vezes caricaturada.

No Realismo, que se iniciou no Brasil em 1881, a abordagem crítica e objetiva da realidade nacional foi o foco principal dos autores. No entanto, mesmo com uma tentativa de retratar a realidade social brasileira, os autores ainda perpetuaram a visão preconceituosa em relação ao povo negro. Um exemplo disso é a obra "O Mulato", de Aluísio Azevedo, que apresenta a figura do mulato como um ser híbrido, resultado da miscigenação entre o branco e o negro, que não pertence nem a uma raça, nem a outra.

Já no Modernismo, que teve seu início em 1922, a literatura brasileira passou por uma grande mudança estilística e temática, com a valorização da cultura popular e a busca pela identidade nacional. Entretanto, a representação do negro continuou a ser estereotipada e marginalizada na literatura modernista, como podemos observar na obra "Macunaíma", de Mário de Andrade, que apresenta um personagem negro que é retratado como preguiçoso e desonesto.

Somente a partir da década de 1970, com o surgimento do Movimento Negro e a luta pelos direitos civis, é que a literatura afro-brasileira começou a ganhar mais visibilidade e espaço na literatura brasileira. Hoje em dia, já existem diversas obras de autores negros que abordam a cultura e a história afro-brasileira de forma positiva e representativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental que a literatura infantil e juvenil brasileira, assim como a produção artística em geral, represente a diversidade étnico-racial do nosso país, para que as crianças e jovens se vejam retratados e valorizados nas histórias contadas. A literatura pode ser uma ferramenta poderosa para promover a identidade e a autoestima negra, e para combater o racismo e a discriminação. Além disso, é importante que os professores e educadores incorporem o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena em suas práticas pedagógicas, para que os estudantes possam compreender a diversidade cultural do Brasil e superar estereótipos e preconceitos.

Diversas são as linhas de pesquisa que a literatura traz sobre as questões etnicorraciais. No que tange ao segmento infanto-juvenil, pelo fato de ser uma produção feita por adultos para refletir aquele universo, o debate é mais complexo. Tal complexidade foge aos limites destas páginas.

Com certeza, a escola é um espaço importante para a promoção da literatura que valorize a diversidade e a cultura afro-brasileira. É necessário que os educadores estejam conscientes da importância dessa temática e busquem incluir essas obras no currículo escolar. Além disso, é fundamental que as editoras também se comprometam em publicar mais livros que apresentem personagens negros em papéis protagonistas, valorizando a identidade e a beleza negra, contribuindo assim para a construção de uma sociedade

mais justa e igualitária.

Sim, é muito importante que a literatura infantil e juvenil reflita a diversidade étnica e cultural do nosso país, apresentando personagens negros como protagonistas em histórias positivas e inspiradoras, e não apenas como coadjuvantes ou figuras estereotipadas. Além disso, é fundamental que os autores e ilustradores de livros infantis e juvenis sejam cada vez mais diversos e representativos, para que a diversidade seja refletida não apenas nas histórias, mas também na criação e produção dessas obras. A escola tem um papel fundamental na promoção da leitura e da diversidade cultural, e deve incentivar a leitura de obras que abordem a história e cultura afro-brasileira, bem como proporcionar debates e reflexões sobre o tema. O volume dessas obras cresceu significativamente nos últimos anos. Certamente deste conjunto, muitas obras servirão para instigar os alunos a novos rumos no campo da literatura, e certamente o surgimento de novos talentos de uma literatura infanto- juvenil negro-brasileira. Sem nos iludir, é preciso que o senso-crítico acenda suas luzes em face desta produção, pois o racismo não dá trégua e não poupa nossas crianças.

A escola deve se atentar a esse fato, na aquisição de livros e na forma de leitura e tratamento das informações neles contidas, apesar de essa não ser uma tarefa fácil. Isso não quer dizer, que devemos abolir os livros que só tenham personagens brancos, pois estaríamos novamente caindo no erro da exclusão, mas atentar para que todos sejam contemplados.

Esse cuidado precisa partir desde a primeira infância, desde a educação infantil, quando se lê para uma criança, o professor oferece a apreciação de um texto bem elaborado, os encantos das imagens e ilustrações, o contato com o mundo da escrita, a reflexão sobre sua vida, sentimentos, e o mais importante, a possibilidade de se identificar com os personagens, reafirmando mais uma vez, a importância de contemplar toda a diversidade racial.

Com certeza, é muito importante que as instituições de educação infantil assumam o papel de difundir informações e conhecimentos sobre a população negra e a cultura afro-brasileira, por meio de diferentes recursos, como a literatura. A presença de livros que abordam a questão racial de maneira respeitosa, precisa e sensível é fundamental para educar as crianças e ajudá-las a compreender a diversidade étnica e cultural do país em que vivem.

Além disso, é importante que as editoras continuem a produzir e divulgar obras que apresentem personagens negros em posições de protagonismo, valorizando a beleza e a diversidade da população negra. Dessa forma, a literatura pode ser uma ferramenta importante para combater o racismo e promover a igualdade racial desde a infância.

É importante, porém, reconhecer e dar o valor devido à influência que a colaboração africana trouxe e exerce até os dias atuais. Isso precisa ser descortinado, para que nossos educandos tenham acesso a esse mesmo olhar, e para que possam ser quebrados os velhos paradigmas que já deviam estar falidos e invalidados. Temos como bom início desse processo, a leitura e a disponibilização de livros, como a “Menina Bonita do Laço de Fita”, na qual o negro não seja apenas o coadjuvante, o oprimido, mas tenha esteja em um lugar de igualdade, que sempre deveria ser seu. Esse compromisso cabe aos adultos, nos seios familiar e escolar, que devem promover experiências positivas e reais, assim como assumir que um Brasil mais acolhedor depende de cada um de nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, B.; PEREIRA, M.T.G. Trança de histórias: a criação literária de Ana Maria Machado. São Paulo: UNESP, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. -- Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014.

CASTILHO, S. D. A Representação do Negro na Literatura Brasileira. Novas Perspectivas, v.7 nº01, 2004.

CAVALLEIRO, E. S. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2000.

CEERT. Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial / [coordenação geral Hédio Silva Jr., Maria Aparecida Silva Bento, Silvia Pereira de Carvalho]. -- São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades: Instituto Avisa lá - Formação Continuada de Educadores, 2012.

COELHO, N. N. Literatura infantil. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

FERNANDES, F. O negro no mundo dos brancos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

GUIMARÃES, B. A escrava Isaura. São Paulo: Editora Ática, 1997. LOBATO, M. O Saci. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. LOBATO, M. Viagem ao céu e o Sacy. São Paulo: Editora Brasiliense. 1957. LOBATO, M. Memórias da Emília. São Paulo: Globo, 2007.

MACHADO, A. M. Contracorrente: conversas sobre leitura e política. São Paulo: Ática, 1999.

MACHADO, A. M. Menina bonita do laço de fta. Coleção Barquinho de Papel. São Paulo, Editora ÁTICA, 2011.

PARREIRAS, A. M. R. Construção da identidade étnico-racial: o papel da literatura infantil com protagonistas negros e histórias das culturas africanas. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2007.

SILVA, L. C. L; SILVA, K.G.S. O negro na literatura infanto-juvenil brasileira. Revista Thema. Volume 8. Petrópolis, 2011.

ZILBERMAN, R. A literatura infantil brasileira. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
ZILBERMAN, R. A literatura infantil na escola. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.